

Apresentação

Ana Cláudia Munari Domingos

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Rio Grande do Sul – Brasil

Ana Elisa Ribeiro

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Cefet – Minas Gerais - Brasil



O dossiê que a revista *Signo* apresenta nesta edição foi intitulado “Edição, textualidades e produção textual”. E não foi fácil encontrar um eixo que tangenciasse temas tão amplos. Que produção textual prescindiria de algum processo de edição? Para nós, texto e edição estão ligados umbilicalmente. No entanto, novas textualidades emergem o tempo todo, especialmente quando relacionadas a tecnologias de leitura e de escrita que nos parecem novidade na cena midiática contemporânea. Nosso desejo, então, era compor um número temático em que os trabalhos aprovados versassem sobre as questões de textualidade, produção textual e edição de modos diversos, até surpreendentes. Ou que renovassem o olhar sobre, em tese, os mesmos objetos.

Este número traz, então, trabalhos em torno do tema da edição, das textualidades e das diferentes formas de produção textual contemporâneas. Considerando que as mídias digitais têm promovido transformações para além do espaço da internet, afetando também as produções em papel, têm surgido novos modos de ler, práticas de leitura de gêneros multimodais, hipertextuais, instáveis. Se, por um lado, as editoras buscam inovar em seus processos, reinventando linguagens, formatos e projetos, de outro lado, a escola vem discutindo e mesmo se adaptando às novas propostas, mesmo que lentamente. Aplicativos, e-books, livros... novas configurações do mundo da escrita e da leitura. E assim também o universo dos sentidos é sempre afetado por novas materialidades e novos modos de ler.

Apresentamos então nove artigos, uma entrevista e duas resenhas que tocam aspectos do texto e da edição. O artigo que abre esta edição pode ser considerado aquele que realiza a convergência entre os temas aqui propostos: em “Da leitura à dele(i)tura: apagamento e temporalidade na literatura digital”, Vinícius Carvalho Pereira (UFMT) faz uma análise das obras literárias digitais *Petite brosse à dépoussiérer la fiction*, de Philippe Bootz (2005), e *Degenerative*, de Eugenio Tisselli (2005), a partir de conceitos do pós-estruturalismo, para mostrar como elas, “graças a recursos de interatividade, [...] ensinam novas temporalidades na dinâmica de apagamento-escritura” e, assim, não apenas, de certa forma, exigem a participação do usuário para existirem como formas literárias, mas também, mais que isso, propõem-se como instáveis, suscetíveis, como obras digitais, ao seu próprio apagamento ou, como diz o autor, sua dele(i)tura.

Mais especificamente no campo editorial, o artigo “O uso da transmídia por editoras brasileiras”, de autoria de Camila Augusta Pires de Figueiredo (UFMG), tece breve exposição e análise de casos de transmídia levados a efeito na produção de livros em algumas casas editoriais nacionais. Preocupado também com questões que englobam o digital e o livro, João Cláudio Arendt (UCS) e Fabiana Kaodoiniski (UCS) trazem o artigo “Quanto custa ler um e-book? Reflexões sobre o acesso

à leitura na era da hipermodernidade”, em que, baseando-se em Lipovetsky e Bauman, discutem a leitura e o leitor nos dias atuais, assim como a produção de livros eletrônicos, considerando que o acesso aos livros e à leitura “por meio das novas tecnologias ainda não se efetivou”. No campo da adaptação, procedimento bastante estudado hoje, em vista do grande número de transposições que as novas tecnologias de produção e de recepção têm permitido chegar até nós, “L’Étranger e a transposição midiática Killing an Arab”, de Victória Elizabeth dos Santos (Unifesp) e Ana Luiza Ramazzina Ghirardi (Unifesp), analisa como ocorre a transposição midiática do romance *L’Étranger* (1942), de Albert Camus, para a música “Killing an Arab” (1978), da banda inglesa The Cure, empregando conceitos como os de intertextualidade, transmodalização e intermedialidade, aspectos que interessam ao universo da edição.

O artigo de Sandra Reimão (USP, CNPq), “A editora portuguesa Livros do Brasil e suas obras eróticas na ditadura militar brasileira”, coloca em questão outro viés da edição, o do impedimento da publicação, neste caso pela censura. Para tanto, a autora contextualiza uma pequena história da Livros do Brasil e de seu perfil editorial e, em seguida, analisa algumas edições eróticas desta editora vetadas no país, discutindo especificidades dos pareceres censórios brasileiros e de suas articulações argumentativas. Esta é uma questão que parece estar no passado, mas que pontua um viés da edição bastante atual em nossos dias e que não pode jamais ser arquivado ou esquecido.

Como a escola jamais passa ao largo dos temas propostos nesse dossiê, apresentamos artigos cuja preocupação com a formação escolar e os processos de letramento estão em foco. É o caso de “Multiletramentos e ensino de Língua Portuguesa na educação básica: uma proposta didática para o trabalho com (hiper)gêneros multimodais”, de autoria de Fernanda Maria Almeida dos Santos (UFRB), que traz conceitos e propostas que podem fomentar a discussão e apoiar o ensino de língua materna. Ainda no ambiente escolar, Estefânia Cristina da Costa Mendes (Cefet-MG) e Lucas Mariano de Jesus (Cefet-MG) trazem à baila a perspectiva da produção escrita e sua complexidade nesses tempos de cultura digital, quando os estudantes são cooptados pelo universo audiovisual e interativo do ciberespaço e a escola deixa de mobilizar suas criticidade e criatividade. Com vistas a compreender e modificar esse contexto, em “Retextualizações multimodais: Ensaio com estudantes do Ensino Médio”, os autores procedem a “análises a respeito do procedimento de retextualização multimodal”, a fim de descrever como estudantes do Ensino Médio retextualizam textos essencialmente verbais para multimodais. A intenção é propor a mescla entre atividades que respondam a demandas institucionais, por exemplo, o Enem, e aquelas que tomem a linguagem em suas diferentes modalidades.

O letramento multimodal também é o tema do trabalho “A literatura infantil em diferentes suportes: posicionando leitores e espectadores e gerando possibilidades interpretativas”, de Verônica Coitinho Constanty (UNIOESTE). Também pensando a perspectiva da adaptação, a autora faz uma análise comparativa entre o livro *Room on the Broom*, de Donaldson e Scheffler (2012), e a versão fílmica homônima de Lang e Lachauer (2012). Analisando a construção dos personagens nas duas linguagens, o estudo busca tecer certas relações entre as estratégias utilizadas em cada uma e a aproximação com o leitor-espectador, tomando a perspectiva da narrativa transmidia e sua complexidade. Nesse sentido, a intenção é pensar o aspecto do letramento audiovisual como um importante aliado da formação de leitores.

Sabemos que os livros somente se tornam obras, e assim se materializam em sua totalidade *genética*, a partir das percepções do leitor. Ainda no campo da leitura, mas então pensando o aspecto da interpretação na relação entre materialidade e sentido, Márcio Souza Gonçalves (UFRJ)

coloca em xeque essa interação no artigo “O texto, o livro, o sentido e o leitor”, pela abordagem de três apresentações diferentes dos Evangelhos: uma manuscrita, uma impressa e uma digital. Partindo de uma distinção entre “texto” e “livro”, o autor analisa, a partir desse corpus, a importância do suporte material e, ainda, a questão dos usos e das apropriações pelos leitores em suas práticas leitoras, incluindo a dimensão individual e social.

O dossiê “Edição, textualidades e produção textual” traz ainda uma entrevista com o prof. Dr. Eduardo Assis Duarte (UFMG) sobre o “Literafro – o portal da literatura afro-brasileira e sua reconfiguração”, realizada por Gustavo Cesário Tanus (UFMG), em que é possível conhecer aspectos desse importante projeto. As resenhas, a cargo de Márcia Regina Romano (Cefet-MG) e Mauro Figueiredo Brito Júnior (Cefet-MG), trazem, respectivamente, comentários aos livros *Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização* (Urutau, 2016), da professora da Universidade Federal de São Carlos Luciana Salazar Salgado, e *As desordens da biblioteca* (Relicário, 2015), de Muriel Pic, obras que também se ocupam da cultura letrada e do universo que buscamos tangenciar por meio desta edição da revista Signo, que, esperamos, evoque uma leitura interessante, prazerosa e produtiva.
